****

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial**

P. Finalmente, encontramos um discípulo no caminho de Jesus para Jerusalém. Depois do homem rico, que falhou o chamamento, temos um cego pedinte, que até a sua capa de abrigo lança fora para seguir Jesus. Depois de Tiago e João, que se queiram sentar num trono de glória, temos um cego, que se levanta e vai ter com Jesus. O Evangelho deste domingo ajuda-nos a retomar o caminho de Jesus, a voltar a ver tudo com os olhos de Jesus. Como o cego, também nós gritamos por misericórdia, por uma carícia, por um perdão, por um gesto de compaixão.

Kyrie

Respostas poderão ser cantadas: *Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleision*

P. Senhor Jesus, *nosso Mestre*, pelas vezes em que nos desviamos do Teu Caminho, Senhor, misericórdia.

R.Kyrie, Kyrie eleison! [Senhor, misericórdia]

P. Cristo Jesus, nosso Messias, pelas vezes em que desviamos o nosso olhar de quem grita e nos incomoda, Cristo, misericórdia.

R.Kyrie, Kyrie eleison! [Cristo, misericórdia]

P. Senhor Jesus, Hóspede e Peregrino no meio de nós, pelas vezes em que faltamos a este encontro, que nos abre os olhos da fé, **Senhor, misericórdia!**

R.Kyrie, Kyrie eleison! [Senhor, misericórdia]

**Kyrie** – Nas Missa com Catequese

Respostas poderão ser cantadas: Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleision

P. Senhor, Filho de David, Tu és o Messias: abre-nos os ouvidos do coração para escutarmos os gritos de todos os que sofrem! Senhor, misericórdia!

R.Kyrie, Kyrie eleison! [Senhor, misericórdia]

P. Cristo, Filho de David, Tu és o Bom Samaritano, abre-nos os olhos do coração, para vermos onde há necessidade e estendermos a nossa mão! Cristo, misericórdia!

R.Kyrie, Kyrie eleison! [Cristo, misericórdia]

P.Senhor, Filho de David, Tu és o nosso Mestre, ensina-nos a conduzir para Ti todos os que andam nas trevas da ignorância. Senhor, misericórdia

R. Kyrie, Kyrie eleison! [Senhor, misericórdia]

**Hino do Glória (omitir nas Missas com Catequese)**

**Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | NSH  15h30 | SMG  17h30 | SMG | ISF  09h00 | NSH  11h00 | NSH  19h00 |
| **1.ª leitura** | Forma breve  Antónia | Forma breve  Helena Mar.º | Forma breve  Anabela | Forma breve  M. José | Fátima |
| **Salmo** | Cantar a 1.ª e a última estrofes | | | | Salmista |
| **2.ª leitura** | Omitir | Omitir | Omitir | Omitir | J. Carlos |
| **Evangelho**  **Voz do cego** | Catequizando  6.º ano A | Catequizando  6.º ano | Fernando S.  Leitor | Francisco P.  Catequista | Diácono |
| **Oração**  **dos Fiéis** | Diácono | Diácono | Paula Alex  catequista | Gracinda L  Leitora | Diácono |

1.ª Leitura: forma breve

**Leitura do Livro de Jeremias**

Eis o que diz o Senhor:

«Soltai brados de alegria por causa de Jacob,

Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai:

‘O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel’.

Vou trazê-los das terras do Norte

e reuni-los dos confins do mundo.

Entre eles vêm[[1]](#footnote-1)2 o cego e o coxo,

a mulher que vai ser mãe e a que já deu à luz.

É uma grande multidão que regressa.

Eles partiram com lágrimas nos olhos

e Eu vou trazê-los no meio de consolações.

Porque Eu sou um Pai para Israel

e Efraim é o meu primogénito».

**Palavra do Senhor.**

Evangelho a vozes

Texto com a tradução dos 4 Evangelhos da CEP

Narrador (Diácono), Cego (Leitor ou Catequizando/a), Jesus (Presidente)

Narrador: **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos**

R. **Glória a Vós, Senhor.**

Narrador: Naquele tempo, Jesus e os discípulos foram para Jericó. Quando Jesus ia a sair de Jericó com os discípulos e uma considerável multidão, o filho de Timeu, Bartimeu, um cego mendigo, estava sentado junto ao caminho. Ao ouvir dizer que era Jesus, o Nazareno, que passava, começoua gritar e a dizer:

Cego:«**Filho de David, Jesus, tem misericórdia de mim».**

Narrador:Muitos repreendiam-no severamente para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais:

Cego:«**Filho de David, tem misericórdia de mim**».

Narrador:Parando, Jesus disse:

Jesus:«Chamai-O».  
Narrador:Chamaram o cego, dizendo-lhe:

«**Tem Coragem! Levanta-te. Ele chama-te»**.  
Narrador:O cego atirando a sua capa, deu um salto e foi ter com Jesus.

Jesus perguntou-lhe:  
Jesus:«Que queres que te faça?»  
Narrador:O cego disse-lhe:  
Cego:«**Rabúni – meu** **Mestre - que eu volte a ver**.  
Narrador:Jesus disse-lhe:  
Jesus: «**Vai: a tua fé te salvou».**  
Narrador: Imediatamente voltou a ver e seguia a Jesus no caminho.

Narrador:  **Palavra da Salvação.**

R. **Glória a Vós, Senhor.**

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2024**

Jesus em saída, uma multidão surda e um cego mendigo! Descubramos as diferenças!

1. Comecemos pelo cego, Parte 1. Tinha um nome, Bartimeu, e era conhecido por ser filho de alguém, um fidalgo! Agora, sem nome na praça, está na rua, sentado junto ao caminho, como aquele que pede. É um excluído da sociedade, um impuro expulso da comunidade religiosa. Talvez este homem - que deseja «voltar a ver» - tenha sido já, por algum tempo, discípulo do seu Mestre Jesus. Este homem talvez se tenha cansado e desiludido e as suas lágrimas lhe tenham lavado os olhos. Ele quer voltar a ver Jesus e com os olhos de Jesus. Na verdade, o cego já vê bem, sabe bem quem é Jesus. Não vê em Jesus um Messias poderoso, mas o rosto de um Deus que salva. E por isso não pede a Jesus, em primeiro lugar, que o tire da pobreza; não lhe pede a cura; não lhe pede um lugar importante. Pede-lhe simplesmente *misericórdia, carícia, perdão, compaixão*.

2. Temos depois a multidão, Parte 1: são os *«muitos*» que acompanhavam Jesus. Têm o seu *guião turístico* já programado, para chegar à Cidade Santa e não estão dispostos a alterar a rota, a parar para olhar, para escutar, para ajudar. Não. É uma multidão de cegos, de surdos, de abafadores, de silenciadores, que repreendem severamente o cego e o mandam calar. Sem sucesso. Pois ele gritava cada vez mais!

3. E temos Jesus, que abre a 2.ª parte. Jesus não passa ao lado. Jesus pára, escuta o grito do pobre, olha para o cego. Mais: envolve os tais “muitos”, os incomodados, e encarrega-os de chamar o cego. E assim transforma esses “muitos” em chamadores, em mediadores, em intermediários, em facilitadores. Este é o primeiro milagre de Jesus: os abafadores e silenciadores tornam-se porta-vozes da chamada para o encontro com Cristo. Estes “muitos” aprendem do próprio Jesus as palavras que libertam, curam e salvam: *Tem coragem, levanta-te, Ele chama-Te*. É Jesus quem chama, por meio deles.

4. Voltemos ao cego, Parte 2. Reage à chamada em três tempos, com tal destreza, que nem parece cego: atirou para longe a sua capa, deu um salto para cima e foi ter com Jesus! Vejamos: para longe de si, *ele atirou fora a sua capa* de mendigo, a sua casa de abrigo, talvez a único bem que possuía, fazendo uma rutura, um corte, uma mudança radical em relação ao seu passado de pedinte. Deu um *salto para cima*, vencendo até os obstáculos dos que o silenciavam; na prática, deu um salto *qualitativo* na sua vida. E, como todo o discípulo, foi ter com Jesus. Foi para Jesus!

5. E voltemos a Jesus, neste encontro pessoal com Bartimeu. Vem a pergunta: “*Que queres que Eu te faça*»? O cego respondeu: «*Meu Mestre, que eu volte a ver*», que eu volte à Tua companhia, que Eu volte a seguir-Te, para encontrar a Luz da Vida. A resposta de Jesus é afirmativa: «*Vai, a tua fé te salvou*». E o cego voltou a ver. Sim. A sua fé é uma visão. Fá-lo ver Jesus e ver com os olhos de Jesus. A sua fé dá-lhe a visão inteira da vida. Não foi mais à *sua vidinha*, à vida de antigamente. Foi para Jesus. E seguia-O no caminho!

6. Irmãos e irmãs: este Evangelho tão curto dá-nos uma visão de grande alcance. Podemos vestir a pele de qualquer personagem – o *cego, a multidão ou Jesus* – e (a)parecem-nos claramente três desafios:

1. O desafio de voltarmos, como o cego, a Jesus, de voltarmos ao encontro com Ele, de O seguirmos pelo caminho, não sentados ou aposentados, desiludidos da vida, a ver a *banda passar*, mas como peregrinos de esperança, *povo a caminho*, pessoas capazes de dar sinais concretos de um futuro melhor.

2. O desafio de sermos uma comunidade aberta, inclusiva, ativa. Não queremos uma comunidade de silenciados ou de abafadores, mas de acolhedores, de facilitadores, de encorajadores, que adotam as palavras e imitam os gestos de Jesus!

3. O desafio de guardarmos os pequenos detalhes do amor (cf. EG 145): sejamos capazes, como Jesus, de *parar, de nos* aproximarmos, de darmos um pouco de atenção, um sorriso, uma carícia, uma palavra de conforto. No seu ensaio sobre a cegueira, escreveu Saramago: «*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara»*. O amor não é cego. São Tomás disse com especial beleza: «*Onde está o amor, aí está o olhar*» (São Tomás de Aquino)!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2024 |** Missas com catequese

Jesus em saída, uma multidão surda e um cego mendigo! Descubramos as diferenças!

1. Comecemos pelo cego. Está sentado junto ao caminho, como aquele que pede. Ele quer voltar a ver Jesus e com os olhos de Jesus. Na verdade, o cego já vê bem, sabe bem quem é Jesus. Não vê em Jesus um Messias poderoso, mas o rosto de um Deus que salva. E por isso não pede a Jesus, em primeiro lugar, que o tire da pobreza; não lhe pede a cura; não lhe pede um lugar importante. Pede-lhe simplesmente *misericórdia, carícia, perdão, compaixão*.

2. Temos depois a multidão: É uma multidão de cegos, de surdos, de abafadores, de silenciadores, que não ajudam nada, só repreendem severamente o cego e mandam-no calar!

3. E temos Jesus, que não passa ao lado. Jesus pára, escuta o grito do pobre, olha para o cego. Mais: envolve os tais “muitos”, os incomodados, e encarrega-os de chamar o cego. Estes “muitos” aprendem do próprio Jesus as palavras que libertam, curam e salvam: *Tem coragem, levanta-te, Ele chama-Te*. É Jesus quem chama, por meio deles.

4. Voltemos ao cego. Reage à chamada em três tempos, com tal destreza, que nem parece cego: atirou para longe a sua capa, deu um salto para cima e foi ter com Jesus!

5. Que pergunta Jesus, neste encontro pessoal com Bartimeu: “*Que queres que Eu te faça*»? O cego respondeu: «*Meu Mestre, que eu volte a ver*», que eu volte à Tua companhia, que Eu volte a seguir-Te, para encontrar a Luz da Vida. A resposta de Jesus é afirmativa: «*Vai, a tua fé te salvou*». E o cego voltou a ver. Sim. A sua fé é uma visão. Fá-lo ver Jesus e ver com os olhos de Jesus. A sua fé dá-lhe a visão inteira da vida. O cego não foi mais à *sua vidinha*, à vida de antigamente. Foi para Jesus. E seguia-O no caminho!

6. Irmãos e irmãs, meninos e meninas: podemos vestir a pele de qualquer personagem – o *cego, a multidão ou Jesus* – e logo nos (a)parecem claramente três desafios:

6.1. O desafio de voltarmos, como o cego, a Jesus, de voltarmos ao encontro com Ele, de O seguirmos pelo caminho, não sentados ou aposentados, desiludidos da vida, a ver a *banda passar*, mas como peregrinos de esperança, *povo a caminho*, pessoas capazes de dar sinais concretos de um futuro melhor.

6.2. O desafio de sermos uma comunidade aberta a todos, mesmo aos que nos incomodam. Não queremos uma comunidade de silenciados ou de abafadores, mas de acolhedores, de facilitadores, de encorajadores, que adotam as palavras encorajadoras e imitam os gestos libertadores de Jesus!

6.3. O desafio de guardarmos os pequenos detalhes do amor (cf. EG 145): sejamos capazes, como Jesus, de *parar, de nos* aproximarmos, de darmos um pouco de atenção, um sorriso, uma carícia, uma palavra de conforto. O amor não é cego. São Tomás disse com especial beleza: «*Onde está o amor, aí está o olhar*» (São Tomás de Aquino)!

7. Que Jesus nos dê esse olhar atento, para O reconhecermos em qualquer pessoa que encontrarmos no nosso caminho. Levantemo-nos do sofá, das nossas comodidades e vamos ao encontro de Jesus, que está precisamente onde estão os que mais precisam de nós.

**Credo**

R. **Sim, creio!**

1. Credes em Deus Pai, que revelou o seu rosto de misericórdia em Jesus de Nazaré, que passou pelo mundo fazendo o bem?
2. Credes em Jesus Cristo, Filho de David, o Messias, que veio como luz do mundo, para iluminar os que andam nas trevas do medo e da ignorância?
3. Credes no Espírito Santo, que nos unge com o óleo da alegria, para oferecermos misericórdia e consolação a todos os pobres e frágeis da Terra?
4. Credes na Igreja, chamada a ser portadora e reflexo da Luz de Cristo para todos os povos?
5. Credes na vida eterna, que vos oferecerá a visão plena, nos esplendores da luz perpétua?

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos caríssimos: Jesus, que deu vista a um cego, também dá nova luz às nossas vidas. Iluminados pela sua Palavra salvadora, voltemo-nos para Deus nosso Pai, pela mediação de Cristo, Sumo Sacerdote, suplicando com humildade:

R. **Senhor Jesus, tem misericórdia de nós!**

1. Pela Igreja, que conclui este domingo a sua assembleia sinodal: para que o Espírito Santo a faça ver o caminho a seguir, na fidelidade a Cristo e na atenção aos sinais dos tempos. Invoquemos.
2. Pelos que governam as nações: para que saibam escutar o grito dos pobres, olhar a realidade e responder ao desafio de todas as pobrezas. Invoquemos.
3. Pelos cegos, pelos abandonados e pelos cativos, e por aqueles que já perderam toda a esperança: para que Deus Se lhes revele na claridade da sua luz divina. Invoquemos.
4. Por todos nós, batizados e iluminados pela Luz de Cristo: para que voltemos para Jesus o nosso olhar, tornando-nos porta-vozes das suas palavras de encorajamento e imitadores dos seus gestos de compaixão. Invoquemos.

P. Senhor nosso Deus, que nos amais como a menina dos olhos, fazei regressar à pátria os refugiados e cativos, dai colheitas abundantes aos que semeiam com lágrimas, e àqueles que foram iluminados pela vossa graça fazei os participar da eterna luz. Por Cristo, Nosso Senhor. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Recolha das ofertas**

NSH - Missa vespertina no sábado, 15h30:

* 1 do 1.º ano (Carla): Coxia central do lado de Nossa Senhora
* 1 do 2.º ano (Fátima G) – Coxia central do lado do Ambão
* 1 do GIC (Marisa Vaz) + 1 da Adolescência (Grupo da Maria Emanuel) – Galerias e Coro
* 1 do 3.º ano (Noémia | Carla) – corredor estreito do lado do batistério (onde se dá a comunhão)
* 1 do 5.º ano (Céu R.) – Corredor encostado à parede, lado poente (lado do mar)
* 1 do 4.º ano (Beatriz P) – Corredor estreito do lado de Nossa Senhora (onde se dá a comunhão)
* 1 do 6.º ano (Anabela): Corredor encostado à parede, lado nascente (lado da Universidade)

SMG - Missa Vespertina no sábado, 17h30:3 adolescentes

SMG – Missa no domingo, 09h00: crianças do 4.º ano

NSH – Missa de domingo, 11h00:seguir a prática do ano anterior

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio** dos Domingos do Tempo Comum I **|** **Oração Eucarística** III **|| Ritos da Comunhão**

**RITOS FINAIS**

**Agenda pastoral** || **Senhora da Hora**

1. Segunda, dia 28, às 21h30: Reunião da Equipa Paroquial de Vocações.

2. Quarta, dia 30, às 21h30: Reunião das Comissões Permanentes dos Conselhos Paroquiais de Senhora da Hora e Guifões.

3. Sexta-feira, dia 1 de novembro, Missas de todos os Santos, às 11h00 e 19h00. Romagem e oração no cemitério, neste dia 1, feriado e dia santo, às 17h00.

4. Sábado, dia 2, Missa Vespertina Dominical às 15h30.

5. Domingo, dia 3, Missas Dominicais às 11h00 e 19h00.

6. Próximo fim de semana, dias 2 e 3 de novembro, não há Catequese.

**Agenda pastoral** || **Guifões**

1. Este Domingo, às 15h30, no Largo da Igreja (se chover, será no Salão Paroquial): Festival de Outono, promovido pelo Rancho Paroquial de Guifões

2. Quarta, dia 30, às 21h30: Reunião das Comissões Permanentes dos Conselhos Paroquiais de Senhora da Hora e Guifões.

3. Quinta-feira, dia 31, às 19h00, Missa. Será Vespertina de Todos os Santos.

4. Sexta-feira, dia 1 de novembro, às 09h00, Missa de Todos os Santos, na Igreja Matriz, seguida de romagem e oração no cemitério. Neste feriado e dia santo, não há Missa na Igreja da Sagrada Família.

5. Sábado, dia 2, Missa Dominical Vespertina Dominical, na Igreja Matriz, às 17h30.

6. Domingo, dia 3, Missa Dominical, às 09h00, na Igreja da Sagrada Família.

7. Próximo fim de semana, dias 2 e 3 de novembro, não há Catequese.

**Bênção final**

**Despedida**

P.O amor não é cego. «Onde está o amor, aí está o olhar»!

Diácono: Atentos a quantos Deus coloca no vosso caminho,

ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**BÊNÇÃO DA MESA**

**XXX DOMINGO COMUM B**

Senhor Jesus,

que paraste diante do cego,

para o ver e fazer ver,

para o escutar e lhe dar voz,

dá-nos a graça de um amor

capaz de ver a necessidade

e de agir com destreza.

Ao sentarmo-nos à mesa,

ajuda-nos a guardar,

os pequenos detalhes do amor:

parar e aproximar-se,

olhar e dar um pouco de atenção,

oferecer um sorriso e uma carícia,

dizer uma palavra de esperança

conforto e encorajamento.

Ámen.

****

**OUTROS TEXTOS**

**E HOMILIAS**

**xxx domingo comum b**

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2021 | Dia Mundial das Missões 2021**

1.***Por que não te calas***?! Assim reagem alguns, ao ouvir os gritos incómodos daquele cego, sem eira nem beira, que sente o cheiro e os passos de Jesus, que passava por ali. Muitos repreendiam-no para que se calasse, mesmo se da voz daquele pobre homem saísse uma exclamação perfeita da fé em Jesus, o Messias. Por isso, o nosso homem não se cala. Não pode calar o grito de abandono. Não pode calar a sua fé e confiança em Jesus. Fala, em alta voz, até fazer ressoar, das margens da vida, o seu grito por misericórdia. Perante isto, alguns, percebendo a manifesta vontade de Jesus em chamá-lo, estimulam-no a sair das margens, para dar um salto qualitativo na sua vida: “*Coragem, levanta-te, que Ele está a chamar-te*”. O homem, que se levantou do chão, saiu liberto do encontro com Cristo: recuperou a vista e seguiu Jesus. Não sozinho nem à margem; vão todos juntos, por um caminho novo: Jesus e os Doze, o cego atrás de Jesus, entre os discípulos e no meio da multidão.

2. Há muitos pormenores nesta cena comovente do Evangelho. Mas, tendo em conta o tema do Dia Mundial das Missões “*Não podemos calar o que vimos e ouvimos*” (At 4,20) e este tempo de aprendizagem sinodal, eu destacaria duas atitudes: por um lado, a coragem do cego Bartimeu em falar, em gritar, sem se calar, a partir das margens da sua vida; por outro, e em contraluz, esta tentação de alguns em silenciar o seu grito de fé. Nesta medida, o cego, que segue Jesus por um caminho novo, também nos pode abrir os olhos para vermos os outros com as lentes do coração, para vislumbrarmos o interior das coisas, para aprendermos a “sinodalizar”, isto é, a escutar por amor e a falar por amor. Como? *Ouvindo mais, falando menos.* Expliquemo-nos melhor:

**2.1.** *Ouvindo mais!* Para ver bem a realidade, é preciso aprender a ouvir o grito de fé ou o grito de fome, o grito de protesto ou o grito de sede, o grito de angústia ou o grito de liberdade dos pobres, dos que estão à margem. Ao escutar, a Igreja segue o exemplo do próprio Deus, que escuta o grito do seu povo. Não podemos, por isso, nas nossas comunidades e sociedades, ouvir apenas os que têm voz ativa ou os que fazem mais ruído mediático. Precisamos de aprender a ouvir todos e cada um, sem esquecer os mais pequeninos e os mais jovens; ouvir todo o povo de Deus, mesmo os que não gostamos de ouvir; ouvir os que achamos que não têm direito ou autoridade para falar, porque os colocamos do «lado de fora»; ouvir a totalidade dos fiéis, que, em matéria de fé, não pode enganar-se, porque todo o santo povo de Deus é assistido pelo Espírito Santo. Estou convencido que a primeira palavra que teremos a anunciar aos outros é a Palavra que Deus nos diz nas suas vidas e que precisamos de aprender e ensinar a ler. É preciso que cada um se torne então um bom ouvinte, interessado na escuta dos que têm histórias de vida para contar, a fim de lhes desvendar a presença de Deus neles (cf. EG 71). Isto, sim, é decisivo, porque ouvindo-nos, vamos encontrando juntos o caminho, refazendo posições, acolhendo novidades, alargando horizontes, deixando cair as nossas bandeiras, para nos tornarmos todos *um só* em Jesus Cristo. Na missão, antes do «ide e anunciai» está o «ide e escutai». Só ouvidos puros podem dar-nos falas de água pura e de verdade.

2.2. ***Falando menos.*** À **humildade de escutar deve corresponder a coragem de falar**. E este é um tempo para falar menos, mas para falar com coragem e honestidade autênticas, de dizer livremente a verdade na caridade.Não se trata de entrar em debate para vencer ou convencer os outros, para criar grupos de pressão ou de opinião. Trata-se, antes (e insistamos!) de acolher o que os outros dizem, como um modo através do qual o Espírito Santo pode falar para o bem de todos (1 Cor 12,7). Temos de deixar os outros falar até ao fim, sem pressa de darmos a nossa opinião, antes pelo contrário, sempre dispostos a mudar as nossas opiniões, com base no que ouvimos, porque Deus fala-nos através dos que os outros nos têm a dizer.

3. Neste Dia Mundial das Missões, em clima sinodal, o Espírito Santo nos dê a humildade de escutar, com ouvidos puros, os gritos e anseios de todos… e a coragem de falar, de contar, de dar testemunho aos irmãos de tudo quanto vimos ou ouvimos, de tudo quanto vai mudando e embelezando a nossa vida, a partir do nosso encontro com Cristo. Seja onde for, seja diante de quem for, “*não podemos calar o que vimos e ouvimos*” (At 4,20)! **Por que te calas então?**

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2018**

1. Mais um “sentado” à beira do caminho! Tem nome, Bartimeu, de pai conhecido, mas é cego e mendigo! Está sentado, mas não estacionado! Não vê, mas ouve! O desejo de cura põe-no aos gritos, como quem procura Jesus, pedindo misericórdia, um pouco de colo, uma carícia, um olhar, um afago, um embalo do coração. Muitos querem calá-lo. E Jesus passa e, quando Ele passa, tudo se transforma. Jesus manda-o chamar. Manda-o chamar precisamente através daqueles que o queriam calar, e que assim se tornam porta-vozes da sua vontade. A multidão de “*censuradores*” e “*abafadores*” torna-se então um grupo de interlocutores, de animadores, de encorajadores: “*Coragem, levanta-te que Ele chama-te*”. Os que inicialmente impediam o cego de chegar a Jesus, convertem-se agora em mediadores, em facilitadores do encontro com Cristo.

2. E então dá-se um encontro pessoal entre Cristo e o cego. O cego, que quer ver, larga a capa do passado onde escondia as esmolas, e pede a Jesus: “*Mestre que eu veja*” (*Mc* 10,51). E Jesus não diz “*Vê*” (*Lc* 18,40), como era de esperar, mas diz-lhe simplesmente “V*ai*” (Mc 10,52), faz-te ao caminho, segue-Me. E ele, iluminado pela luz daquele novo olhar da fé, seguiu Jesus pelo caminho, com um novo horizonte, um rumo decisivo (cf. DCE 1). Assim Jesus acaba de dar à luz um discípulo! Este é o caminho luminoso do discípulo: ele reconhece a sua cegueira, anseia pela cura e procura Jesus, sem cessar; deixa-se encontrar por Ele, para depois o seguir pelo caminho, numa “*intimidade itinerante*” (EG 23).

3. Mas aqui está também a conversão de uma comunidade inteira, que não pode ser um *grupo de eleitos que olham para si mesmos* (EG 28), ou um grupo de *murmuradores e desmoralizadores*, que incutem desânimo e marginalizam quem porventura anda à procura de uma luz e se aproxima de Cristo. Todo o discípulo, chamado por Jesus, é *chamado a chamar outro*, a abrir caminho para outro, no mesmo caminho que faz com Jesus.

4. *Que queremos afinal nós ser?* Discípulos cegos e encobertos pela capa negra dos nossos interesses ou discípulos revestidos e iluminados pela luz de Cristo? *Que queremos afinal nós ser?* Discípulos estacionários, paralisados e paralisadores, ou discípulos missionários, irradiadores e mediadores da luz do Evangelho? *Que queremos afinal nós ser?* Uma comunidade surda, muda e cega, fechada e paralisada sobre si mesma, ou uma comunidade que atrai pela beleza e pela alegria, que sai ao encontro de quem anda à procura, que chama da periferia para o encontro com o Senhor, que toma a dianteira e convida, que envolve, anima, acompanha e encoraja?

5. Irmãos e irmãs: pelo Batismo, tornamo-nos filhos da luz (*Ts* 5,5). Não fomos iluminados (cf. *Heb* 10,38) para guardar a luz de Cristo na sombra dos nossos medos e preconceitos. Mas para ser luz (*Ef* 5,8) e fazer brilhar a luz sobre todos os outros, a começar pelos que estão nas periferias do Caminho!

*Pode concluir-se com esta oração, feita pelo Presidente ou por um leitor.*

«Ó Senhor, dá-me a Tua luz para que veja o Teu amor.

Dá-me um coração para amar-Te,

dá-me olhos para ver-Te,

dá-me ouvidos para escutar a Tua voz,

dá-me lábios para falar de Ti,

dá-me o gosto de saborear-Te,

dá-me o olfato para cheirar e exalar o Teu perfume,

dá-me mãos para tocar-Te

e dá-me pés para seguir-Te».

Bispo Tichon, 1783

**meditação em chave vocacional – semana dos seminários 2018**

“Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem convidado todo o cristão, em qualquer lugar e situação, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele e a procurá-l’O dia-a-dia, sem cessar” (Nota Pastoral de CEP 20 maio de 2018, nº 2).

Neste sentido, o texto que acabámos de escutar fala de um ‘mendigo cego’ que não desiste de chamar por Jesus. Um homem à beira do caminho que quer ser curado. Este desejo é determinante para estar atento e para estar desperto… à passagem de Deus. Quantas vezes não damos conta da sua presença? Quantas vezes deixámos de desejar o encontro com ele? Preferimos continuar nas nossas cegueiras, nos nossos comodismos, nas nossas seguranças e nas nossas rotinas. Queremos arriscar um ‘sim’ mas falta-nos a coragem.

Este ‘mendigo cego’ não desistiu. Este homem mesmo à beira do caminho, mesmo cego... gritou por Jesus. E Jesus ouviu-o. Jesus ouve sempre o nosso clamor e o clamor de todos os que esperam n’Ele. Jesus escutou o desejo, percebeu a sua vontade mais funda, ouviu o seu clamor mais profundo.

Na verdade Jesus passa sempre pela nossa vida, Jesus passa frequentemente pela nossa história... Uma e outra vez. Um Deus que atravessa ‘assim’ as nossas estradas é um Deus capaz de atravessar a nossa vida… para a transformar. Entretanto, diz o texto, que os discípulos e a multidão insistiam para que o cego se calasse. Que estranho! Quantas coisas e pessoas nos afastam de Deus? Quantos ‘obstáculos’ nos impedem de responder positivamente? Medos, inseguranças, ‘vozes’ próximas, pessoas amigas, laços que nos prendem e nos impedem de caminhar. Mas Jesus para e diz aos discípulos: «chamai-o». Interessante! Jesus convoca o grupo a ser instrumento do seu chamamento. Tal como hoje Jesus convoca toda a comunidade a chamar. É na comunidade que nascem as vocações, é na comunidade que a vocação se descobre missão. O encontro pessoal com Cristo é mediado pela comunidade que é, toda ela, missionária. Com efeito, toda a comunidade é responsável pelo chamamento. Uma Igreja em ‘saída’ é, por isso, uma comunidade consciente da sua missão.

Na verdade, a vocação não é nem pode ser apenas uma decisão pessoal, não pode ser um gosto, um ‘ter jeito para’… A vocação é uma entrega, um serviço, um dar-se… que enriquece a comunidade e a sociedade. Entretanto, percebendo melhor o mandato de Cristo foram os próprios discípulos a dizer ‘coragem, vai ter com Jesus’. Quem antes dizia ‘cala-te’, agora diz ‘coragem’. Ou seja, a própria comunidade foi curada da sua ‘cegueira’, dos seus preconceitos, dos seus ‘modelos’.

Ele – diz o texto – ‘atirando fora a capa, deu um salto’ e foi ter com Jesus. A capa representava tudo o que tinha, as suas proteções e as suas seguranças… mas ele deixou tudo para ir ter com o Mestre. Vai e pede-lhe que o cure das suas cegueiras que o ‘deixam à beira do caminho a mendigar’. E Jesus cura-o dizendo ‘vai, a tua fé te salvou’.

E ele, ‘logo que recuperou a vista’, ‘seguiu Jesus pelo caminho’ – tornou-se discípulo. Colocou-se a caminho com os discípulos. Que cada um de nós peça a graça de ser curado das suas cegueiras para poder ser mais Seu discípulo. Que cada jovem que sinta o ‘apelo’ do Senhor possa ganhar coragem para ‘arriscar’ um sim.

**ORAÇÃO**

«Ó Senhor, dá-me a tua luz para que veja o teu amor. Dá-me um coração para amar-te, dá-me olhos para ver-te, dá-me ouvidos para escutar a tua voz, dá-me lábios para falar de ti, dá-me o gosto de saborear-te, dá-me o olfato para cheirar o teu perfume, dá-me mãos para tocar-te e pés para seguir-te.» [Bispo Tichon 1783 - retratado na célebre figura do monge Zósima, de “Os irmãos Karamazov” de Dostoievsky]

**Mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Pobres, 2018, n.º 5**

5. Para mim é um motivo de comoção saber que tantos pobres se identificaram com Bartimeu, de quem fala o evangelista Marcos (cf. 10,46-52). (…) Bartimeu é um pobre que se encontra privado de capacidades fundamentais, como ver e trabalhar. Quantos percursos, também hoje, conduzem a formas de precariedade! A falta de meios elementares de subsistência, a marginalidade quando se deixa de estar no pleno das próprias forças de trabalho, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos levados a cabo pela humanidade…

Quantos pobres, como Bartimeu, estão hoje à beira da estrada e procuram um sentido para a sua condição! Quantos são os que se interrogam sobre o porquê de ter chegado ao fundo deste abismo e sobre o modo de sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles e diga: «Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te» (v. 49).

Infelizmente, verifica-se com frequência que, pelo contrário, as vozes que se ouvem são as da repreensão e do convite a calar-se e aguentar. São vozes desafinadas, muitas vezes determinadas por uma aversão aos pobres, considerados não apenas como pessoas indigentes, mas também como gente que traz insegurança, instabilidade, desorientação das atividades diárias e, por isso, gente que deve ser rejeitada e mantida ao longe.

Há uma tendência a criar distância entre nós e eles, e não nos damos conta que, deste modo, nos tornamos distantes do Senhor Jesus que não os rejeita, mas os chama a Si e os consola. Como soam apropriadas neste caso as palavras do profeta sobre o estilo de vida do crente: «quebrar as cadeias injustas, desatar os laços da servidão, pôr em liberdade os oprimidos, destruir todos os jugos […], repartir o pão com o faminto, dar pousada aos pobres sem abrigo, levar roupa aos que não têm que vestir» (Is 58,6-7). Este modo de agir permite que o pecado seja perdoado (cf. 1Pe 4,8), que a justiça faça o seu caminho e que, quando formos nós a gritar ao Senhor, Ele responda e diga: “Estou aqui!” (cf. Is 58,9).

**Homilia do Papa Francisco | 25.10.2015**

Jesus acaba de sair de Jericó. Mas Ele, apesar de ter apenas iniciado o caminho mais importante, o caminho para Jerusalém, detém-Se ainda para responder ao grito de Bartimeu. Deixa-Se comover pelo seu pedido, interessa-Se pela sua situação. Não Se contenta em dar-lhe uma esmola, mas quer encontrá-lo pessoalmente. Não lhe dá instruções nem respostas, mas faz uma pergunta: «Que queres que te faça?» (*Mc* 10, 51). Poderia parecer uma pergunta inútil: que poderia um cego desejar senão a vista? E todavia, com esta pergunta feita «face a face», direta mas respeitosa, Jesus manifesta que quer escutar as nossas necessidades. Deseja um diálogo com cada um de nós, feito de vida, de situações reais, que nada exclua diante de Deus. Depois da cura, o Senhor diz àquele homem: «A *tua* fé te salvou» (10, 52). É belo ver como Cristo admira a fé de Bartimeu, confiando nele. Ele acredita em nós, mais de quanto acreditamos nós em nós mesmos.

Há um detalhe interessante. Jesus pede aos seus discípulos que vão chamar Bartimeu. Estes dirigem-se ao cego usando duas palavras, que só Jesus utiliza no resto do Evangelho. Primeiro, dizem-lhe «coragem!», uma palavra que significa, literalmente, «*tem confiança, faz-te ânimo*!» É que só o encontro com Jesus dá ao homem a força para enfrentar as situações mais graves. A segunda palavra é «levanta-te!», como Jesus dissera a tantos doentes, tomando-os pela mão e curando-os. Os seus limitam-se a repetir as palavras encorajadoras e libertadoras de Jesus, conduzindo diretamente a Ele sem fazer sermões. A isto são chamados os discípulos de Jesus, também hoje, especialmente hoje: pôr o homem em contacto com a Misericórdia compassiva que salva. Quando o grito da humanidade se torna, como o de Bartimeu, ainda mais forte, não há outra resposta senão adotar as palavras de Jesus e, sobretudo, imitar o seu coração. As situações de miséria e de conflitos são para Deus ocasiões de misericórdia. Hoje é tempo de misericórdia!

Mas há algumas tentações para quem segue Jesus. O Evangelho de hoje põe em evidência pelo menos duas. Nenhum dos discípulos pára, como faz Jesus. Continuam a caminhar, avançam como se nada fosse. Se Bartimeu é cego, eles são surdos: o seu problema não é problema deles. Pode ser o nosso risco: face aos contínuos problemas, o melhor é continuar para diante, sem se deixar perturbar. Desta maneira, como aqueles discípulos, estamos com Jesus, mas não pensamos como Jesus. Está-se no seu grupo, mas perde-se a abertura do coração, perdem-se a admiração, a gratidão e o entusiasmo e corre-se o risco de tornar-se «consuetudinários da graça». Podemos falar d’Ele e trabalhar para Ele, mas viver longe do seu coração, que Se inclina para quem está ferido. Esta é a tentação duma «espiritualidade da miragem»: podemos caminhar através dos desertos da humanidade não vendo aquilo que realmente existe, mas o que nós gostaríamos de ver; somos capazes de construir visões do mundo, mas não aceitamos aquilo que o Senhor nos coloca diante de olhos. Uma fé que não sabe radicar-se na vida das pessoas, permanece árida e, em vez de oásis, cria outros desertos.

Há uma segunda tentação: cair numa «fé de tabela». Podemos caminhar com o povo de Deus, mas temos já a nossa tabela de marcha, onde tudo está previsto: sabemos aonde ir e quanto tempo gastar; todos devem respeitar os nossos ritmos e qualquer inconveniente perturba-nos. Corremos o risco de nos tornarmos como «muitos» do Evangelho que perdem a paciência e repreendem Bartimeu. Pouco antes repreenderam as crianças (cf. 10, 13), agora o mendigo cego: quem incomoda ou não está à altura há que excluí-lo. Jesus, pelo contrário, quer incluir, sobretudo quem está relegado para a margem e grita por Ele. Estes, como Bartimeu, têm fé, porque saber-se necessitado de salvação é a melhor maneira para encontrar Jesus.

E, no fim, Bartimeu põe-se a seguir Jesus ao longo da estrada (cf. 10, 52). Não só recupera a vista, mas une-se à comunidade daqueles que caminham com Jesus.

Continuemos pelo caminho que o Senhor deseja. Peçamos-Lhe um olhar são e salvo, que saiba irradiar luz, porque recorda o esplendor que o iluminou. Sem nos deixarmos jamais ofuscar pelo pessimismo e pelo pecado, procuremos e vejamos a glória de Deus que resplandece no homem vivo.

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2015**

**1.** Um cego que vê, como mais ninguém. Um cego que nos faz ver, a pior cegueira, e que nos acorda, aos gritos, da nossa surdez. Eis um mendigo, que nos incomoda, porque nos faz ver a outra face da vida, a face obscura, a face que nunca gostaríamos de ver, porque nos desassossega e mete medo…

**2.** O evangelho de hoje faz-nos ver assim tanta coisa, que o melhor é ficar apenas por uma. E, então, fixemo-nos precisamente neste grito incómodo de um pedinte, sentado à beira do caminho. Ele grita duas vezes, porque não fala. Grita porque está longe, na periferia do caminho, para Jerusalém, e quer ser ouvido. A sua cegueira impede-o de desfrutar a vida como os outros. Excluído da vida, marginalizado pelas pessoas, esquecido pelos representantes de Deus, que lhe impediam o acesso ao templo, só lhe resta pedir misericórdia a Jesus: «*Filho de David, tem misericórdia*», como quem diz: *faz-me graça, acaricia-me, embala-me, sorri, sofre comigo, como uma mãe, com entranhas de misericórdia*.

**3.** Os discípulos e seguidores irritam-se. Aqueles gritos interrompem a sua marcha tranquila para Jerusalém. Não podem escutar, em paz, as palavras de Jesus. Aquele pobre incomoda. Há que calar os seus gritos. Por isso «*repreendiam-no para o fazer calar*». Mas a reação de Jesus é muito diferente. Não pode continuar o seu caminho, ignorando o sofrimento daquele homem. «*Jesus parou*», fez com que todo o grupo parasse e pediu-lhes que chamassem o cego. Os seus seguidores não podem caminhar atrás d’Ele sem escutar os gemidos e lamentos do que sofrem, porque o grito dos pobres é o clamor de Deus. Na verdade, o centro do olhar e do coração de Deus são os que sofrem. Por isso Jesus os acolhe e se volta para eles, de maneira preferencial.

**4.** No Ano da Misericórdia, somos desafiados, a não desviar o nosso olhar dos pobres, a acordar para o seu grito, para o seu lamento. Pode irritar-nos encontrá-los, continuamente, nas páginas do evangelho, e tropeçar neles, à beira do caminho. Mas não nos é permitido «mutilar» a mensagem do evangelho, nem abafar o seu grito. Não queremos nem devemos simplesmente dar-lhes aquela esmola, que os mantem à nossa distância, cativos da sua dependência ou paralisados pelo rendimento mínimo. Mas não podemos fazer orelhas moucas, ao grito incómodo dos que vivem mal, daqueles a quem falta o necessário e a quem é preciso oferecer misericórdia, para que possam largar a capa da indigência, dar um salto qualitativo e prosseguir por um caminho novo, numa vida nova. Não há Igreja de Jesus, sem este «parar para ver», para escutar e responder, com gestos concretos, aos que mais sofrem. Eles estão no nosso caminho, perto e longe de nós. Pedem ajuda e compaixão. A única postura cristã é a de Jesus diante do cego: «*Que queres que te faça?*». Esta deveria ser a atitude da Igreja, de cada paróquia, de cada paroquiano, perante os pobres e os que sofrem: «*que queres que eu faça por ti*»?

**5.** Irmãos e irmãs: durante este «Ano da Misericórdia» iremos sinalizar o primeiro domingo do mês, numa das missas dominicais, com o ofertório em géneros, para ajuda a nossa conferência vicentina e mar solidário, na missão da Igreja, que diz respeito a todos: ajudar e acompanhar as famílias mais carenciadas e feridas. Temos 62 famílias, que dependem da nossa generosidade, para viver com o mínimo de dignidade: onze delas, com um só membro; 40 com duas ou três pessoas do agregado familiar e cerca de 11 com 4 ou mais pessoas. Não poderíamos encontrar grupos de duas ou três famílias, que se associassem, para «apadrinhar» uma família, oferecendo, mensalmente, o seu cabaz em géneros ou em dinheiro? Não será esta iniciativa uma bela forma de dar cumprimento ao sínodo sobre a família e ao Ano da Misericórdia?!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2012**

***“Deu um salto e foi ter com Jesus” (Mc 10,50!***

Este sim, é um verdadeiro salto vital, um salto de qualidade na fé, um passo em frente, na adesão a Cristo, Único Salvador. Podemos mesmo ver, nos passos da cura deste cego, o nosso próprio caminho da fé, desde o seu desejo de ver a Deus, até chegar à fonte da luz, que o ilumina, desde o batismo. À luz, deste luminoso passo da Escritura, vejamos os três passos fundamentais, no caminho da fé cristã:

**1.** Para chegar a fé, é preciso, em primeiro lugar, reconhecer, diante de Deus, que sou “*um infeliz, um miserável, um pobre, cego e nu*” (Ap.3,17). É preciso gritar, como aquele cego, e desde o mais fundo de mim mesmo, uma e outra vez: *“Jesus, filho de David, tem piedade de mim*”. É esta oração que comove o coração de Cristo, que então para, manda chamar o cego e o cura. Assim se vê, que sem a humildade, de **quem se reconhece necessitado de salvação**, não é possível chegar à fé, que nos salva. Como vos escrevi na Carta Pastoral, “*a fé salva-me, na medida em que me cura de uma vida centrada e apostada em Mim, e me leva a abrir o coração, a um Deus, que é maior do que eu*” (Abri os corações, n.10). Isso mesmo o atesta a cena do evangelho, que nos fala precisamente de uma fé “*que nos liberta da ideia de que nos fazemos ou salvamos sozinhos. Dizer que é «a fé que nos salva», significa dizer que «não sou eu, com as minhas virtudes pessoais, que posso merecer ou conquistar a salvação. Sou salvo por um Amor, que é maior do que o meu pecado e maior do que o meu coração»”* (Ibidem).

**2.** Mas, para chegar à fé, é preciso, depois, ter a coragem de sair da berma do caminho, para chegar ao **encontro pessoal com Cristo**. Isto implica liberdade para *atirar fora a capa*, que nos esconde as misérias, e disponibilidade, para responder e corresponder à Palavra de Cristo, que me chama. Na verdade, o momento decisivo da fé é o encontro pessoal e direto entre o Senhor e aquele homem que sofria. Encontram-se um diante do outro: Deus, com a sua vontade de curar, e o homem, com o seu desejo de ser curado. Duas liberdades, duas vontades convergentes: "*Que queres que Eu te faça?", pergunta o Senhor. "Que eu recupere a vista!", responde o cego. "Vai, a tua fé te salvou*". Com estas palavras realiza-se o milagre, que faz brotar, da alegria de Deus, a alegria do homem. Aqui se vê que a fé é verdadeiramente um dom de Deus, uma graça (cf. CIC 153) mas é também «*um ato autenticamente humano*» (CIC 154), pelo qual o homem, de modo livre e inteligente, confia em Deus e adere à sua Palavra. Aqui se vê, e mais uma vez, que “*no início do ser cristão, não há uma decisão moral ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá à vida um novo horizonte e um rumo decisivo*” (DCE 1).

**3.** A fé traduz-se, por fim e sempre, num **caminho de seguimento de Jesus**, tal como o de Bartimeu, que vindo à luz, "*começou a seguir Jesus no seu caminho*": isto é, torna-se um discípulo, e sobe com o Mestre a Jerusalém, para participar com Ele no grande mistério da cruz, da morte e da ressurreição. A fé torna-se então, e para sempre, uma “***companheira de vida****, que nos permite perceber, com* ***um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós****”* (PF 15). Por isso, quem se deixa fascinar por Cristo, quem foi iluminado por Ele no batismo (Heb 10,38) não pode viver, sem dar testemunho da alegria de seguir os seus passos, sem anunciar a todos, o amor de Deus, com o testemunho da própria vida. Posto isto, valia a pena ficarmos em silêncio e respondermos à pergunta do Papa, na sua primeira catequese, sobre o Ano da fé: “*a fé é verdadeiramente a força transformadora da minha vida? Ou é apenas um dos elementos que fazem parte da existência, sem ser aquele determinante, que a abrange totalmente*”?

**Bento XVI, Audiência Geral, 17-10-2012**

Trata-se do encontro, não com uma ideia, nem com um projeto de vida, mas com uma Pessoa viva, que nos transforma em profundidade a nós mesmos, revelando-nos a nossa verdadeira identidade de filhos de Deus. O encontro com Cristo renova os nossos relacionamentos humanos, orientando-os no dia-a-dia para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor.

Ter fé no Senhor não é algo que interessa unicamente à nossa inteligência, ao campo do saber intelectual, mas é uma mudança que compromete a vida, a totalidade do nosso ser: *sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções e relacionamentos humanos.*

Com a fé muda verdadeiramente tudo em nós e para nós, e revela-se com clareza o nosso destino futuro, a verdade da nossa vocação no interior da história, o sentido da vida, o gosto de sermos peregrinos rumo à Pátria celeste.

Mas — perguntemo-nos — a fé é verdadeiramente a força transformadora da nossa vida, na minha vida? Ou então é apenas um dos elementos que fazem parte da existência, sem ser aquele determinante, que a abrange totalmente?

**Catecismo da Igreja Católica**

**1216.** «Este banho é chamado *iluminação,* porque aqueles que recebem este ensinamento catequético ficam com o espírito iluminado...». Tendo recebido no Batismo o Verbo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem» *(Jo* 1, 9), o batizado, «depois de ter sido iluminado» (Hb.10,38), tornou-se «filho da luz» (I Tes.5,5) e ele próprio «luz» *(Ef* 5, 8)!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2009**

**“Tu és sacerdote, para sempre”!** (Heb.5, 6)

**1.** Partiu, a meio desta semana, para a casa do Pai, o meu querido pároco, no dia em que completava 40 anos de serviço, nas paróquias de Eiriz (minha terra-natal) e de Sanfins. Esteve comigo, sempre. Estive com ele, sempre. Acompanhei-o, é certo, e mais de perto, durante um mês completo, ajudando-o, nesta sua última subida, que fez de olhos praticamente fechados, no seu caminho, de Jericó para Jerusalém! À medida que o seu corpo se debilitava e se prostrava, eu sentia que era esta a última estação da sua via-sacra, e que a Cruz consumava agora toda a sua obra, até chegar, com Cristo, ao dom supremo da sua própria vida! Ele estará para sempre comigo e na vida de todos aqueles que foram agraciados, ao longo de tantos anos, pelo dom da sua solicitude pastoral.

**2.** Fecharam-se então os seus olhos, para agora, na luz ver a luz. E faz-se luz, cada vez mais luz, sempre que fecho os meus olhos e deixo percorrer, pelas veias da memória, palavras, gestos, acontecimentos, alegrias, aborrecimentos, diálogos, confrontos, risos e passeios, sentimentos, mas sobretudo a celebração dos sacramentos. Os sacramentos são essas sete grandes maravilhas, que assinalam, com o selo de Deus, o mapa da nossa vida! De facto, um padre, mais ainda um pároco, faz parte da nossa biografia; tem lugar certo nos álbuns de família e nenhum de nós contará toda a sua história, sem se referir a ele. As marcas, que nos deixa, são marcas de Deus, e, por isso, são marcas para sempre. E porque o Padre é “sacerdote para sempre”, também para sempre ficará junto do Pai a interceder por nós!

**3.** Penso em todas estas coisas, ao ler e reler a Carta aos Hebreus, que nos era proposta, na segunda leitura deste Domingo. Falava-nos da novidade e da superioridade do sacerdócio de Cristo. E dele se dizia, que todo o «*sumo-sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído, em favor dos homens, nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios*». Olhemos então para o ministério sacerdotal e perguntemo-nos: que dons nos oferece o Padre? São dons de Deus, são dons eternos, são sempre dons para sempre! As obras das suas mãos não são produtos precários, fortunas expostas à incerta sorte das coisas humanas. Celebrando os santos mistérios, particularmente a Reconciliação e o sacrifício eucarístico, o Padre oferece às pessoas a graça de entrar na vida eterna, oferece-lhes a comunhão com Jesus, abre-os à participação na vida de Deus.

**4.** O Santo Cura d’Ars, cujos 150 anos da sua morte motivaram a celebração deste Ano sacerdotal, falava do sacerdócio, como se não conseguisse alcançar plenamente a grandeza do *dom* e da *tarefa* confiados a uma criatura humana:

«*Oh como é grande o padre! (…) Se lhe fosse dado compreender-se a si mesmo, morreria.* (…) *Deus obedece-lhe: ele pronuncia duas palavras e, à sua voz, Nosso Senhor desce do céu e encerra-se numa pequena hóstia*». E, ao explicar aos seus fiéis a importância dos sacramentos, dizia: «*Sem o sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem O colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar a sua peregrinação? O sacerdote. Quem a há-de preparar para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E se esta alma chega a morrer, por causa do pecado, quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote. (…) Depois de Deus, o sacerdote é tudo! (…) Ele próprio não se entenderá bem a si mesmo, senão no céu*», dizia o Cura d’Ars.

Estas afirmações, nascidas do coração sacerdotal daquele santo pároco, podem parecer excessivas, mas ajudam-nos a ver o essencial do ministério do padre. Com isso, não ignoramos que também «*o sacerdote está revestido de fraqueza*», a ponto de levar o mesmo santo pároco a dizer: «*se compreendêssemos bem o que um padre é sobre a terra, morreríamos: não de susto, mas de amor*”!

**5.** De facto, o Padre, no fim da sua vida, olhando para dentro de si, poderá encontrar arrependimento, pelas suas misérias e entristecer-se, pelos seus erros e pecados, pela sua inadequação à comunidade, mas não lhe faltarão as incomparáveis consolações, de ter aberto os olhos e o caminho da fé, e de ter oferecido aos homens o abraço do perdão de Deus e o pão da vida eterna.

Numa palavra, o Padre, a quem Deus diz, continuamente, “*Tu és sacerdote para sempre*” ficará para sempre na nossa vida, não apenas pela memória agradecida, do que fez por nós, mas porque sempre nos dá, de Deus, os seus dons eternos! E esses, não passam com o tempo; são, como a graça do sacerdócio, uma maravilha de Deus, uma alegria, de sempre e para sempre!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 2006**

**I.** *Pior cego é o que não quer ver!* Mas este é um cego que a todos abre os olhos! A sua história é uma quase uma parábola, ao vivo, sobre *o caminho da fé*, que nos ilumina o coração e nos levanta do chão para seguir Jesus. Também podia ser uma *parábola sobre a virtude da esperança*, que vence todos os obstáculos. Mas hoje, que celebramos o *Dia da Sociedade de São Vicente de Paulo*, vamos acolher a luz que esta cena projecta sobre a *prática da caridade*, que é aliás a ideia-chave do nosso programa pastoral.

**II.** Comecemos então, de uma maneira simples, por abrir os olhos, para os diversos personagens do evangelho. Eles ajudam-nos a encontrar luz para a verdadeira caridade cristã, praticada hoje pela Igreja:

**1.** Olhemos, em primeiro lugar, para **o cego!** Ele está à beira do caminho a pedir esmola, ali atirado a um canto; sentado, o mesmo é dizer, acomodado, instalado, habituado, dependente. Cego, vive privado de luz e de liberdade. Não via e era mal visto. Por todos considerado um impuro, não tem qualquer direito a participar na vida religiosa e social da sua comunidade. Tinha ainda por cima a suprema infelicidade de não poder ler os livros da Lei. É assim um perfeito marginal. Sem acesso à sociedade, ao culto, à cultura. Todavia, renasce nele, pela luz da fé, uma última esperança. Então, volta-se para Jesus e grita uma e outra vez, na esperança de ser curado pelo Messias. Mas curiosamente este pedinte não pede esmola, para perpetuar a sua condição. Pede compaixão. Pede misericórdia. Mais do que pedir, ele larga o pouco e o tudo que tem, a sua capa, único sinal da sua pobreza e de toda a sua riqueza. De frente a Jesus, *ele pede para ver*. E se pede para ver, - está visto - é para, de imediato seguir Jesus, seu Mestre, pelo caminho da Vida.

**2.** **E Jesus**, como pratica a caridade com este cego pedinte? Não lhe oferece a esmola, para resgate de consciência! Jesus sabe que a esmola, para dar nas vistas, cega quem a dá e humilha quem a recebe! A caridade de Jesus começa pela sua compaixão. E a sua compaixão manifesta-se na proximidade, na sua *capacidade de ouvir* o grito de miséria e o apelo de misericórdia, quando outros a querem abafar. Depois Jesus manda-o chamar. Vê-o ali, diante de si, *pobre, cego e nu*. E, nesse encontro, Jesus dialoga e faz perguntas, como quem quer ver e conhecer a fundo a situação do pobre homem e a sua real necessidade. Fá-lo então dizer o que é óbvio, mas somente para que o pobre se aperceba da sua imensa riqueza. Jesus abre-lhe então os olhos. E o cego recupera a vista e segue Jesus, agora por outro caminho, guiado doravante pela luz da fé.

**3. E a multidão?** Parte dela, permanece insensível e irritada; prefere não ver, nem ouvir, para não ser incomodada. Pior: estorva e quer impedir o encontro entre o pobre cego e Jesus. Mas há ainda a melhor parte, aquela que a faz a ponte entre Jesus e o cego. Chama por ele e infunde-lhe coragem.

**III.** Irmãos e irmãs. “*Pobres sempre os tereis*”, a pedir, sem se calar, ou calados pelo ruído do nosso bem-estar! Como Jesus, também nós diremos: «*que queres que eu te faça?».* Talvez os pobres, os que hoje não têm acesso à luz eléctrica, ou à luz do conhecimento, ou à luz da fé, à luz da esperança, ou à luz do amor, nos ensinem um breve Decálogo da Caridade. Deixemos que este cego ilumine o nosso caminho. Ele diz a cada um de nós:

1. «*Tem compaixão de mim»*! Sofre comigo. Sofre por mim. Compadece-te. Move-te e comove-te. Antes de abrires a mão, abre o teu coração!
2. Depois, começa por inclinar o teu ouvido ao grito da minha miséria. Escuta-me atentamente. Conhece-me pelo meu nome, aprende de cor a minha história.
3. Se tens olhos e vês, olha para mim; e não dês esmola, de esguelha, para não veres mais e fugires de mim.
4. Conversa comigo. Tenta saber o que realmente me faz falta! Quem sabe eu precisarei somente de quem me encoraje.
5. Não me dês nada, de mão beijada. Isso é coisa dos ricos. Compromete-me a mim, na solução do meu problema, mesmo que eu próprio tenha de dar o meu quase nada, que é afinal tudo o que tenho.
6. Compromete também os outros, pois também te sentirás pobre e incapaz de resolver, sozinho, todo o meu problema.
7. E não julgues que estou curado, só por estar resolvido, de imediato, o meu problema. Abre-me também os olhos, ensina-me a viver, a trabalhar e a comer, a ser limpo e a poupar.
8. Mas sobretudo encaminha-me para lugares certos. Porque o número de cegos que me querem guiar, levar-me-ão a cair de novo com eles e então será “de caixão à cova”.
9. Quero viver na Luz. Se és cristão, mostra-me a tua fé, conduz-me a Jesus e ao seu Amor. Talvez não saibas, mas “*a falta de Deus é a raiz mais profunda de todo o meu sofrimento*” (cf. DCE 31).
10. Aquele amor divino é a luz que ilumina este nosso mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir. Vive esse amor de Deus “*e deste modo, farás entrar a Luz de Deus em mim e neste mundo*” (DCE 39)

… Ah, tenho um último segredo para te contar, disse o cego: «*Só se vê bem com o coração*». Sim, disse eu, razão tem o Papa, ao apontar o programa do cristão: *«um coração que vê onde há necessidade de amor e atua, em consequência*» (DCE 31). Só não vê quem quer! *Pior cego…*

**Bento XVI – *ANGELUS*, Domingo, 29 de Outubro de 2006**

No Evangelho deste Domingo (*Mc* 10, 46-52) lemos que, enquanto o Senhor passa pelas estradas de Jericó, um cego chamado Bartimeu se dirige a Ele gritando: "*Filho de David, Jesus, tende piedade de mim!*". Esta oração comove o coração de Cristo, que pára, manda-0 chamar e cura-0.

O **momento decisivo** foi o encontro pessoal, direto, entre o Senhor e aquele homem que sofre. Encontram-se um diante do outro: Deus com a sua vontade de curar e o homem com o seu desejo de ser curado. Duas liberdades, duas vontades convergentes: "Que queres que Eu te faça?", pergunta o Senhor. "Que eu recupere a vista!", responde o cego. "Vai, a tua fé te salvou". Com estas palavras realiza-se o milagre. Alegria de Deus, alegria do homem. E Bartimeu, vindo à luz, narra o Evangelho "*começou a* ***segui-lo no seu caminho***": isto é, **torna-se um discípulo e sobe com o Mestre a Jerusalém, para participar com Ele no grande mistério da salvação**.

Esta narração, na essência da sua sucessão, recorda o itinerário do catecúmeno rumo ao Sacramento do Batismo, que na Igreja era também chamado de "*iluminação"*.

A fé é um caminho de iluminação: parte da humildade de se reconhecer necessitados de salvação e chega ao encontro pessoal com Cristo, que chama a segui-l'O pelo caminho do amor. Sobre este modelo se orientam na Igreja os itinerários de iniciação cristã, que preparam para os sacramentos do Batismo, da Confirmação (ou Crisma) e da Eucaristia.

A redescoberta do valor do próprio Batismo está na base do compromisso missionário de cada cristão, **porque vemos no Evangelho que quem se deixa fascinar por Cristo não pode viver sem dar testemunho da alegria de seguir os seus passos.**

Neste mês de Outubro, compreendemos ainda mais que, precisamente em virtude do Batismo, possuímos uma vocação missionária conatural. Intimamente unido ao Senhor, cada batizado sinta o chamamento para anunciar a todos, o amor de Deus, com o testemunho da própria vida.

Homilia no XXX Domingo Comum B 2003

**1.** Não está escrito em *Braille*, para cegos, que nem é preciso. Qualquer cego vê “clarinho como a água” o que se passa naquela berma da estrada, ao ouvir uma descrição tão viva deste feliz encontro com Jesus. Diríamos que, propositadamente, o evangelista, nos oferece um “filme de ação”, sem legendas, em que o som e o movimento definem a imagem e se sobrepõem à palavra.

**2.** Retomemos, porque vale bem a pena, *o fio da ação*: Jesus sai de Jericó, rumo a Jerusalém. Segue-o numerosa multidão, tendo em vista não se sabe bem o quê. Pelo caminho, Jesus já tinha perdido o jovem rico. E até os seus discípulos pareciam cegos pelo poder, que lhes podia cair em breve nas mãos. Por ironia, há um cego, sentado, nas margens do caminho, que espera e vê a oportunidade da sua vida. Quando Jesus passa, tudo se transforma. E desponta nele uma luz interior, que o faz ver claramente a sua miséria humana, diante da grandeza divina de Jesus. Desse Jesus, a quem ele clama e aclama, como “Filho de David”, como o Messias e Libertador. A multidão, de olhos arregalados, não vê nada nem deixa ver ninguém. Esconde e cala. Jesus, ao contrário, compadecido diante da dor e da miséria humanas, detém-se, onde os outros querem avançar. E manda chamar o cego. Há ainda no meio da confusão quem dê uma mão: «*Coragem. Levanta-te, que Ele está a chamar-Te*». Se o jovem rico não foi capaz de largar mão de todos os seus bens, este pobre *larga a capa*, atira fora o pouco que tem, como quem se desprende do passado e dá um salto para o futuro. Um salto vital. Um passo em frente, que aí vem gente! Jesus pergunta-lhe «*que queres que eu faça por ti*», como quem pergunta a um cego se quer ver: ver primeiro a necessidade da cura e depois a responsabilidade por ela. O Homem quer mesmo ver. Por que viu a face de Deus no rosto de Cristo, quer ver agora a imagem de Deus no rosto dos irmãos. «*Mestre, que eu veja*». «*Que eu veja»* para lá das pressões. «*Que eu veja»*, para lá das impressões, «*Que eu veja»,* para lá das expressões. «*Que eu veja*», o sentido e a meta da minha vida. Que eu veja o caminho a seguir. «*Ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho*». Tornou-se ali discípulo, a quem o Senhor abriu os olhos, para curar a cegueira dos que julgavam ver.

**3**. Por certo, cada um de vós estará a ver e a rever-se naquela cena. Perante a Palavra, estamos sempre como que diante de um espelho, onde se reflete a nossa imagem. E uns ver-se-ão naquela margem, talvez meio perdidos, quiçá na esperança de alguém que um dia os veja e faça ver. Outros sentir-se-ão passar “despercebidos” no meio de uma multidão, que não vê nem os deixa ver. A outros o grito do cego traduzirá a confissão da sua fraqueza e o desejo da sua fé. Mas no centro de tudo está Jesus, que se detém, que se compadece, que nos levanta do chão, que nos abre os olhos e nos põe e nos guia no caminho da vida.

**4.** É este, de facto, o desafio que se coloca agora à nossa comunidade. O de «*largar a capa*» e o hábito, o velho e o costume, as ideias feitas e desfeitas, para dar «*o salto*» de qualidade, que se nos pede. Maior atenção a todos, a começar pela atenção de cada um, pela atenção a cada um. Novas formas de ser, de estar e de fazer comunidade. Com novos recursos, mas sobretudo com olhos novos. Esta é a estrada que nos leva a Jerusalém, à cruz e, por último, à luz.

# Homilia no XXX Domingo Comum B 2000

1. Não O conhecia de vista... que era cego. Mas ouvira já falar de um certo Jesus de Nazaré, que por ali passava. E viu “*claramente visto*” que aquela era a sua hora, a oportunidade da sua vida. Então começou aos gritos, a ver se abria os olhos de todos quantos o queriam *ver pelas costas*. Até que Jesus o chamou. Finalmente encontrava, no caminho da Cruz, alguém de olhos abertos e puros... por sinal um pedinte que via e sabia que Ele era o Messias, o Filho de David. Jesus chamou-o para uma pergunta simples e ele deu-Lhe uma resposta evidente. «*Mestre, que eu veja*». E porque acreditou, viu! Viu não apenas o rosto de um homem bom, mas a face de um Deus de misericórdia! Viu não apenas o palmo de terra que pisava, mas a luz da esperança e o caminho do futuro. *Recuperada a vista*, *seguiu Jesus no caminho...* enquanto outros cegos, de tanto ver, ou de tanto saber, ou de tanto ter, ficavam pelo caminho, na escuridão dos seus pesados corações!

2. O pedido do cego «*que eu veja*» é hoje a nossa grande obsessão. Queremos ver tudo e tudo à mostra. Espiar tudo... e tudo a céu aberto. Espreitar tudo e tudo à vista de todos... «Os pecados públicos e privados procuram um novo confessor: câmaras e microfones que devem estar sempre dispostos a captar cenas e sons de gritaria, raiva, infidelidade, facada, tiro, arrombamento, assalto” *(Pe. António Rego)*.

3. Vivemos, de facto, num século de impudor. É o amor carnal apresentado nos ecrãs e revistas sem o mínimo respeito pelas pessoas e pelo olhar dos outros; é o sofrimento e mesmo a morte, de um homem público ou de uma pessoa anónima, a entrar em direto pela televisão. Tudo é imediatamente projetado com violência diante do olhar, sem crescimento, sem preparação, sem eflorescência, sem maturação.

Esta indiscrição indecorosa mostra que perdemos esse sentido tão demorado a adquirir, o sentido do mistério e da iniciação, tão necessários para tudo o que diz respeito à íntima profundidade, como o sofrimento e o prazer, a vida e a morte, o sexo e o amor. Foi-se embora o sentido da confidência, da vida privada, da escrita íntima. Falta-nos o justo intervalo entre o desejo e o prazer. Não há mais o prazo e a demora entre o germinar dos instintos e o desabrochar dos afetos. Perdeu-se o pudor, o pudor exigido pela pureza de coração e ensinado até pela própria natureza.

4. Ela criou gérmenes, invólucros, tegumentos, prazos, redes protetoras... para nos fazer chegar ao sabor e à beleza das coisas, sem pressa e sem devassa. Estes gérmenes estão em repouso, resguardados, na solidão, em segurança. Devem ser lentamente acabados. Escondendo as essências mais puras, devem evitar um contacto rápido e direto... sob pena de morrerem, para só depois e, de repente, desabrocharem. Neste sentido, o pudor guarda o nosso espírito que iria muito depressa, que desfrutaria demasiado cedo se o deixassem agir. E perderia o gozo da beleza no fruto amadurecido!

5. Eis porque se impõe de novo o cuidado do pudor, a guiar os olhares e os gestos, para se “*recuperar de vez a vista*”. Isso implica protegê-la do excesso da curiosidade malsã, da indiscrição no vestuário, da devassa da intimidade, que fere tanto a dignidade de quem vê, como o respeito por quem é visto. A luz quando dá nas vistas cega mesmo!

Por isso, “felizes os puros de coração, porque esses verão a Deus” (Mt.5,8)! Disse Jesus. E mesmo assim, muitos, antes d’Ele, precisaram de cobrir o rosto com um véu, para ver a Deus e não morrer no excesso luminoso da sua glória! (Ex.3,6;33,18-23;I Re.19,13). Na verdade, ficamos cegos... muito mais depressa pelo excesso de imagens e de luz... do que pela sua falta ou demora. Talvez seja preciso fechar os olhos para recuperar a vista e começar a ver!

**Homilia no XXX Domingo Comum B 1997**

À beira do caminho, um cego entregue à sua sorte! Tão conhecido e tão esquecido! Ali, à margem, um pobre mendigo o olhar cego da multidão, que o não quer ver! Não vê. Mas ouve os passos surdos dos peregrinos em marcha para Jerusalém! Sente próximo Jesus de Nazaré que por ali passava. Não lhe vê o rosto, mas vê-se iluminado por uma esperança que o possuía. Era como se, de repente, um raio de luz lhe atravessasse o coração, e lhe recuperasse o brilho nos olhos da sua alma. Viu. Viu que era a oportunidade da sua Vida. Viu que era a salvação. Viu ali, quase a seus pés, o Filho de David, o Messias, o Salvador do Mundo. O silêncio imposto e impostor da multidão não abafavam mais o seu grito de fé. Tão forte, que Jesus o manda chamar! O cego bem tinha visto...não o rosto de um tal nazareno, mas a face de um Deus próximo de quantos O invocam. Viu ao longe e primeiro que ninguém! Não queria mais saber da esmola. Capa fora, longe o passado! E o salto para o futuro. A pergunta de Jesus parece descabida. «Que queres que eu te faça?» - «Que eu veja, Mestre!» É perguntar ao cego se quer ver?! Ele recuperou a vista! E deixou a berma do caminho, para seguir Jesus e subir com Ele, disposto a tudo, até à Cruz, em Jerusalém...

À beira deste caminho, pode estar cada um de nós. Sentados na pedra fria da sua triste sorte! Atirados para as margens do mundo, apertados pela multidão que sufoca o grito da nossa miséria! Somos este cego, que não se vê senão parado por entre passos perdidos ou jardins proibidos. Somos este cego, a quem o mundo dá de esmola uma vida sem futuro. Somos talvez este cego, que não vê saída nos becos estreitos da sua desgraça. Nem vê destino no caminho difícil de uma existência sem glória. E seremos ainda este cego, quando não vemos, nem a luz ao fundo do túnel, nem sol que nos oriente.

É, pela beira deste caminho, que Jesus passa. Passa um dia, por ali, onde não contamos. À hora que não esperamos. E traz no rosto a luz da sua esperança. O brilho do seu olhar, a graça da salvação. É preciso então criar distância, como o cego, para ver ao longe! Fechar os olhos distraídos pelo acessório, para ver o essencial. Criar distância, para fugir do barulho e ouvir o rumor dos seus passos. E poder gritar com toda a força, pela sua misericórdia! «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» E deixar-se então iluminar pela luz da fé, que atravessa a noite escura da nossa vida e da nossa cruz.

Que a força do hábito não nos cegue o olhar, quando, de surpresa, o Senhor vier ao nosso encontro. Que a paixão desordenada pelas coisas, que nos sufocam, não nos feche os olhos à miséria do que somos e à grandeza do próximo. Que o funil estreito da nossa razão, não nos cegue os olhos do coração. Que o caminho duro da Cruz não nos faça desistir de procurar a Luz! E que a Luz da fé nos permita reconhecer o Senhor que passa, pela beira do nosso caminho!

# Homilia no XXX Domingo Comum B 1994

# Iam de olhos abertos sem ver no horizonte a cidade da Cruz. Caminhava uma multidão, guiada não sei por que esperança! Era uma multidão que ia atrás de Jesus. Sem ver bem o sentido e o fim do caminho. E, no caminho, iam também os discípulos. Deles já sabemos como estavam cegos e nada entendiam. Deles já sabemos que não viam mais que o sonho de um poder glorioso ou o desejo de uma vida fácil. E até sabemos de muitos que ficaram pelo caminho... Por ironia, na berma do caminho, um cego pedinte que vê melhor do que ninguém. Eis um homem, à margem da vida, certo de que sozinho ou à sua custa, lhe era impossível viver e caminhar. Ao ouvir dizer que um certo Jesus de Nazaré por ali passava, começou a gritar. Vendo que não via, que estava cego, vira em Jesus mais que um homem, vira n’Ele a figura do Messias esperado. Sem os olhos da carne, ele estava já perto da Luz e começou a gritar com toda a força: «*Jesus, filho de David, tem piedade de mim*»! A multidão anónima e cega queria-o calar. Mas ele gritava cada vez mais. E é então o próprio Jesus a querer vê-lo, primeiro. Toma a iniciativa do apelo e liberta-lhe os movimentos. E acontece depois o encontro pessoal, o diálogo, sob o olhar da fé. «*Naquele instante, ele recuperou a vista e seguia Jesus pelo caminho*», ele que, sem os olhos da cara, tinha iluminados os olhos do coração. Ele se tornara discípulo, homem iluminado por uma nova luz, guiado por uma outra esperança. «*A tua fé te salvou*»!

O contraste não podia ser maior. Tão perto de Jerusalém, o cego de Jericó está ali para pôr à luz do dia a cegueira dos discípulos e da multidão. Ele viu o que os discípulos não viram. Nele se revela o itinerário de todo o homem que se queira tornar discípulo. Um itinerário em quatro etapas: Sentir-se pobre e cego, manietado e sem pernas para andar. E assim reconhecer-se necessitado da Luz e da Vida, *eis o primeiro passo*.

Deixar-se atrair por Jesus, confiar-se a Ele, é já abrir-se ao dom da fé. *Eis o segundo passo*.

Encontrar-se, depois, pessoal e intimamente com Jesus, escutá-lo e descobrir n’Ele a Luz, é já corresponder ao dom recebido. A capa largada e o salto em frente são sinónimos de uma vida que se abandona e de outra que se abraça. *Eis o terceiro passo*.

Por último, «*seguir Jesus no caminho*», partilhar com Ele o caminho da Cruz, pôr-se em movimento, orientado por um sentido novo, eis a confirmação final de um discípulo acabado agora de ser dado à luz...

Diante desta Palavra, é também a nossa cegueira que se põe a descoberto. Julgo mesmo que o nosso itinerário de fé esbarra logo na primeira etapa. Pois falta-nos, sobretudo, reconhecer a nossa cegueira, falta-nos a humildade de quem não vê nem sabe nem pode... Se não nos reconhecemos cegos, necessitados de luz, falha então a condição essencial para nos deixarmos iluminar pela luz de Deus. Somos, por defeito e tradição, gente que se julga iluminada. À sombra de um passado de luz e glória, encontramos refúgio para a nossa presente ignorância. As ideias do partido, a camisola do clube, os hábitos adquiridos ou os respeitos humanos, são uma espécie de capa atada do nosso orgulho que não temos fácil liberdade em sacudir. Instalados nesta cegueira, estamos impedidos de ter um novo olhar sobre a vida, as pessoas, o mundo e as coisas...

# Esta cegueira dos discípulos manifesta também a nossa real dificuldade de olhar a Vida pelo prisma do Evangelho, de pensar e refletir as nossas atitudes iluminados pela lógica da Cruz, que acompanha sempre o caminho do discípulo. Quão difícil se revela para nós ver com novos olhos a vida e mais ainda seguir por novos caminhos, iluminados por uma outra Luz, que não a das estrelas cadentes deste mundo que têm brilho mas não luz, não iluminam mas cegam. Instalados nesta cegueira de orgulho, ficamos na berma do caminho sem pedir para ver. Só as lágrimas da conversão nos podem abrir os olhos do coração. Só a luz da fé nos permite *transpor o limiar da esperança*, ver de modo novo novas todas as coisas. Seja a vossa Palavra, Senhor, farol dos meus passos e luz dos meus caminhos! Para «*que eu veja, Senhor*»!...

CURAR-NOS DA CEGUEIRA

Que podemos fazer quando a fé se vai apagando dos nossos corações? É possível reagir? Poderemos sair da indiferença? Marcos narra a cura do cego Bartimeu para animar os seus leitores a viver um processo que pode mudar as suas vidas.

Não é difícil reconhecer-nos na figura de Bartimeu. Vivemos por vezes como «cegos», sem olhos para ver a vida como a via Jesus. «Sentados», instalados numa religião convencional, sem forças para seguir os Seus passos. Desencaminhados, «à beira do caminho» que leva até Jesus, sem o ter como guia das nossas comunidades cristãs.

Que podemos fazer? Apesar da sua cegueira, Bartimeu «toma conhecimento» que, pela sua vida, está a passar Jesus. Não pode deixar escapar a oportunidade e começa a gritar uma e outra vez: «tem compaixão de mim». Isto é sempre o início: abrir-se a qualquer chamada ou experiencia que nos convida a curar a nossa vida.

O cego não sabe recitar orações feitas por outros. Só sabe gritar e pedir compaixão porque se sente mal. Este grito humilde e sincero, repetido desde o fundo do coração, pode ser para nós o início de uma vida nova. Jesus não passará ao largo.

O cego continua no chão, longe de Jesus, mas escuta atentamente o que lhe dizem os Seus enviados: «Ânimo! Levanta-te. Estão a chamar-te». Primeiro, anima-se abrindo um pequeno resquício à esperança. Logo, escuta a chamada de levantar-se e reage. Por fim, já não se sente só: Jesus chama-o. Isto muda tudo.

Bartimeu dá três passos que vão mudar a sua vida. «Atira o manto» porque o estorva para se encontrar com Jesus. Logo, apesar de se mover entre trevas, «dá um salto» decidido. Desta forma «aproxima-se» de Jesus. É o que necessitamos muitos de nós: libertar-nos de correntes que afogam a nossa fé; tomar, por fim, uma decisão sem deixar para mais tarde; e colocar-nos ante Jesus com confiança simples e nova.

Quando Jesus lhe pergunta que quer Dele, o cego não tem dúvidas. Sabe muito bem o que necessita: «Mestre, que eu possa ver». É o mais importante. Quando se começa a ver as coisas de uma nova forma, a sua vida transforma-se. Quando uma comunidade recebe a luz de Jesus, converte-se.

José António Pagola

UM GRITO INCÓMODO

Jesus sai de Jericó a caminho de Jerusalém. Vai acompanhado dos seus discípulos e mais gente. De repente ouvem-se gritos. É um mendigo cego que, da beira do caminho, se dirige a Jesus: «Filho de David, tem misericórdia de mim. A sua cegueira impede-o de desfrutar a vida como os outros. Ele nunca poderá peregrinar até Jerusalém. Além disso, fechar-lhe- -iam as portas do templo: os cegos não podiam entrar no recinto sagrado. Excluído da vida, marginalizado pelas pessoas, esquecido pelos representantes de Deus, só lhe resta pedir misericórdia a Jesus.

Os discípulos e seguidores irritam-se. Aqueles gritos interrompem a sua marcha tranquila para Jerusalém. Não podem escutar

em paz as palavras de Jesus. Aquele pobre incomoda. Há que calar

os seus gritos. Por isso «repreendiam-no para o fazer calar». A reação de Jesus é muito diferente. Não pode continuar o seu caminho ignorando o sofrimento daquele homem. «Jesus parou», faz com que todo o grupo pare e pede-lhes que chamem o cego. Os seus seguidores não podem caminhar atrás dele sem escutar os chamamentos dos que sofrem.

A razão é simples. Di-lo Jesus de mil maneiras, em parábolas,

exortações e máximas soltas: o centro do olhar e do coração de Deus são os que sofrem. Por isso Ele os acolhe e se volta para eles de maneira preferente. A sua vida é, antes de mais, para os maltratados pela vida ou pelas injustiças: os condenados a viver sem esperança.

Incomodam-nos os gritos dos que vivem mal. Pode irritar-nos encontrá-los continuamente nas páginas do evangelho. Mas não nos é permitido «mutilar» a sua mensagem. Não há Igreja de Jesus sem escutar os que sofrem. Estão no nosso caminho. Muito perto de nós ou mais longe.

Pedem ajuda e compaixão. A única postura cristã é a de Jesus diante

do cego: «Que queres que te faça?». Esta deveria ser a atitude da Igreja

Igreja perante o mundo dos que sofrem: que queres que faça por ti?

JOSÉ ANTÓNIO PAGOLA,

O caminho aberto por Jesus. Marcos. Ed. Gráfica de Coimbra, 2, pág. 182

1. 2 Ler «vé-em» (do verbo «vir») e não v**ê**em (do verbo «vir»). [↑](#footnote-ref-1)